

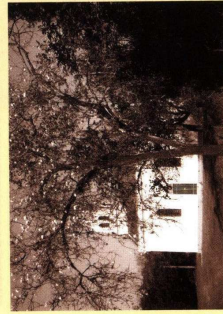
Menção honrosa – *Criatividade*:
Adriana Aparecida Grello
(Linha Férrea)



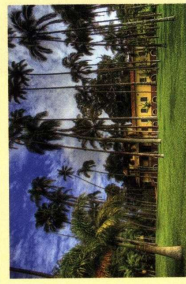
Menção honrosa – *Olhar Inusitado*:
Benedicto Rollim Saullo
(Fechadura)



Menção honrosa – *Percepção*:
Maria Isabel de Oliveira
(Igreja Matriz)



Menção honrosa – *Conjuncto*: Rafael Alexandre Prado
(Capela Santo Antonio dos Eucaliptos – Floresta Estadual)



Menção honrosa – *Conjuncto*: Gilberto Campos Nogueira
(Casarão do Ulisses (atual sede do Colégio Puríssimo Coração de Maria), Solar do Navarro de Andrade (Floresta Estadual) e Capela Santo Antonio dos Eucaliptos (Floresta Estadual))



A curadoria da exposição ficou a cargo do artista plástico Renê Mainardi, também membro do corpo de jurados e foi realizada no Casarão da Cultura, equipamento da Secretaria Municipal da Cultura, em lançamento dia 15 de Junho, estendendo-se até 15 de Julho para visitação do público.

O 1º Concurso Rio Claro revela sua História foi realizado graças ao esforço da Prefeitura Municipal de Rio Claro por meio da articulação entre o Arquivo Público e Histórico e as Secretarias de Cultura e de Turismo. ♦

Horto Florestal (atual FEENA) completa 100 anos

vamos restaurar e preservar o que ainda existe

AUGUSTO JERONIMO MARTINI

Graduado em Geografia, pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp de Rio Claro, mestre e doutorando em História Social pela USP. É professor da Rede Estadual de Ensino e atualmente trabalha na Secretaria da Fazenda de São Paulo, desenvolvendo atividades na FAZESP – Escola Fazendária.



Horto Laboratório

O ano de 2004 marcou o centenário da introdução do eucalipto para fins produtivos no Brasil, quando Edmundo Navarro de Andrade¹ deu início, em Jundiaí, aos reflorestamentos experimentais para obter matéria-prima destinada à produção de lenha e dormentes para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Suas pesquisas surtiram efeito e, em junho de 1909, a ex-Cia adquiriu a primeira gleba de terra em Rio Claro, a qual possuía 1403 alqueires, onde estava assentado um casarão que era a sede de antiga fazenda e colônia de trabalhadores. Instituído o Horto Florestal de Rio Claro, este passou a ser a sede do Serviço Florestal da Companhia Paulista. Em 1910, outras glebas menores foram adquiridas, porém em meados de 1916, a *Paulista* adquiriu a maior de todas elas: 1754 hectares. Portanto, em 2009, nosso antigo Horto Florestal, hoje *Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade*, completa 100 anos.

Diversos foram os serviços de relevância prestados pelo Serviço Florestal da Cia. Paulista de Estradas de Ferro para a comunidade em geral. Edmundo Navarro de Andrade desenvolveu paralelamente às suas pesquisas sobre as espécies de eucaliptos, outras destinadas à área de entomologia aplicada à agricultura, principalmente de caféeiros e citricultura. Nesse aspecto, o Serviço Florestal da Companhia funcionou como aquilo que poderíamos denominar hoje de um centro de consultas para trabalhos na área. Tanto que, por exemplo, os órgãos estatais só atentaram para o fato de estudar o caso da Broca do Café depois que o Serviço Florestal, através do cientista, chamou atenção para este problema.

Para registrar os resultados dos trabalhos científicos do órgão, foi criado o Boletim do Serviço Florestal, que também foi utilizado como instrumento para o intercâmbio científico da instituição. A maioria dos trabalhos publicados era destinada à cultura do eucalipto e às pesquisas genéticas para o melhoramento das espécies.

1] sobre Edmundo Navarro de Andrade veja box na p. 9.

Mas não era só a isso que se prestava o Serviço Florestal. Prestava outros importantes serviços, como a distribuição de mudas para pequenos agricultores e a venda de sementes selecionadas para os interessados em reflorestar em larga escala, em todos os Estados brasileiros e vários países da América Latina e do mundo. E Navarro estava sempre pronto a responder questões e dúvidas sobre o desenvolvimento das mudas, épocas e sistemas de plantio, espécies mais adequadas ao tipo de solo etc.

O Museu do Eucalipto surgiu, principalmente, devido ao grande número de consultas e visitas que Navarro recebia, de pessoas querendo conhecer a árvore que, segundo ele, se prestava a qualquer fim. E para provar tal afirmativa, quis o cientista transformar isso num símbolo, o qual também alavancava outra vantagem: poderia instruir seus visitantes. O museu foi criado para instruir o cidadão que visitasse suas coleções. E, para tanto, criou um museu científico inovador para a época: um museu interativo. Os visitantes podiam tocar na maioria das peças e, mais que tocar, manipulá-las para sentir a textura e densidade das mais diversas espécies de madeiras – nativas ou exóticas, como é o caso do eucalipto. Esse tipo de disposição do acervo definiu a relação do museu com um público cada vez maior, que incluía em suas visitas, desde estudantes até os mais renomados cientistas do mundo.

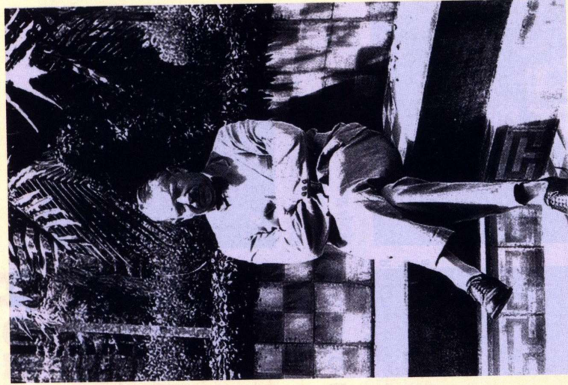
A história da introdução do eucalipto no Brasil para fins comerciais foi toda registrada no museu. Criado a partir de uma pequena coleção do próprio Navarro, ele foi sendo instalado, aos poucos, começando com duas salas, chegando anos mais tarde a 16.

Muito mais que o único museu no mundo que expõe tudo sobre a história da introdução do eucalipto para fins comerciais no Brasil, ele deve ser visto como uma instituição científica. Para tal fim foi criado e assim perdurou longos anos em sua trajetória, pelo menos enquanto durou o império da ferrovia no Brasil e, em especial, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Após a década de 1970, com o sucateamento da malha ferroviária e a estatização, o museu perdeu o seu status, sendo relegado à ignorância.

O HERBÁRIO

De igual sina sofre o herbário formado por Edmundo Navarro de Andrade, que entre outras, possui a coleção com a qual foi apresentado por Joseph Henry Maiden, quando esteve na Austrália. Sem um prédio e mobiliário adequados, aos poucos tende a desaparecer.

Apesar de seus 100 anos de existência e de sua importância, o herbário do Serviço Florestal da Companhia Paulista, representado por coleções históricas em sua grande maioria, e outras provenientes de inventários locais e regionais,



Edmundo Navarro de Andrade

EDMUNDO NAVARRO DE ANDRADE – filho de João de Campos Navarro de Andrade e de Cristina Afonseca Navarro de Andrade. Nasceu a 2 de janeiro de 1881, na cidade de São Paulo/SP, vindo a falecer em 1º de dezembro de 1941. Fez os estudos primários e parte dos secundários de 1891 a 1894, no Colégio Ateneu Paulista e Ivaí, concluindo o curso de preparatórios na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Fez os seus estudos de agricultura, durante 6 anos, na Escola Nacional de Agricultura de Coimbra (Portugal), onde se diplomou em 1º de agosto de 1903. De regresso ao Brasil, foi encarregado pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro de organizar o seu primeiro horto florestal em Jundíai, tendo sido para isso nomeado em 30 de dezembro de 1903. Em fevereiro de 1909, foi nomeado chefe do Serviço Florestal da mesma empresa.

Fundou e dirigiu, de 1908 a 1915, a revista “O Fazendeiro”. Desempenhou vários cargos em comissão, tais como: Diretor do Serviço Florestal do Estado de São Paulo, de 1911 a 1917; Diretor Técnico do Serviço de Debelação da Broca Cafeteira, de maio de 1924 a novembro de 1926; Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, durante a Intervervoria do Coronel João Alberto Lins de Barros, de 5 de dezembro de 1930 a 25 de julho de 1931, ocupando também interinamen-

te, no mesmo governo, os cargos de Secretário da Educação e Saúde Pública e da Viação e Obras Públicas; Diretor Geral do Departamento Nacional de Produção Vegetal do Ministério da Agricultura do Rio de Janeiro, de janeiro a julho de 1934, tendo exercido interinamente, por três vezes, durante esse período, o cargo de Ministro da Agricultura. Fez parte da Comissão do Código Florestal, do Ministério da Agricultura, do Conselho Superior de Agricultura de São Paulo, Presidente do Conselho Florestal do mesmo Estado e do Tribunal de Tarifas da Secretaria da Viação de São Paulo. Foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, da Academia Paulista de Letras, membro correspondente da Real Academia de Agricultura de Turim, da Sociedade American Foresters, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Agricultura e Comendador da Ordem de Cristo. Foi premiado com a Medalha “Meyer” da Sociedade Americana de Genética, concedida a quem se destacasse nos trabalhos de introdução de plantas exóticas de importância comercial. Desempenhou no exterior várias comissões de estudo em missão dos Governos Federal e de São Paulo e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, tendo percorrido, em longas viagens, grande parte do mundo. Publicou vários livros sobre a cultura do eucalipto, entre outros tantos. Vários deles em língua estrangeira.

Algumas ações precisariam ser implantadas, como:

- Proporcionar, por meio de isolamento, espaços físicos condizentes com a conservação do material de herbário, como uma sala climatizada e uma sala para consultes;
- Modernizar o sistema de expurgo, substituindo a naftalina por tratamentos periódicos mais adequados;
- Estocar, de forma mais eficiente, o material do acervo, acondicionando-o em armários com vedação adequada (arquivos deslizando seriam o ideal) e em sala climatizada e desumidificada;
- Informatizar o acervo visando dinamizar o processo de registro e consulta e do manuseio de material.

O registro de todo o material do herbário em banco de dados também seria uma medida essencial a ser tomada. O uso de um único banco de dados facilitaria a organização e o acesso instantâneo a todas as informações sobre o acervo, agilizando buscas e pesquisas. Possibilitaria a recuperação imediata dos fichários, há muito obsoletos, permitindo a reimpressão imediata, em

formato padronizado, de todos os dados ali existentes, pois os livros de tombo, ferramenta auxiliar de busca de informações nos herbários, desapareceram no processo de extinção da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Os dados não contidos nas exsicatas e os desaparecidos que existiram nos livros de tombo poderão ser recuperados por meio de novas pesquisas. As fichas podem ser impressas mantendo-se o padrão tradicional, com menos alteração do que se verifica historicamente. A informatização permitirá a inclusão das coleções temáticas, como é o caso das espécies nativas e do Arboreto. A separação física de coleções perderá o sentido, mas como se trata de um herbário histórico, e devido às exsicatas serem os principais documentos ainda disponíveis de Navarro, deverá ser mantida, preservando o trabalho e o método desenvolvido pelo cientista.

O ideal seria transformar o herbário num fundo documental, pois a principal função de um fundo é relevar o valor que o documento teve no momento de sua criação. Mesmo que venham a surgir outras necessidades referentes ao herbário no decorrer do tempo, deve-se manter o “respeito aos fundos”, procurando deixar as exsicatas em sua ordem original.

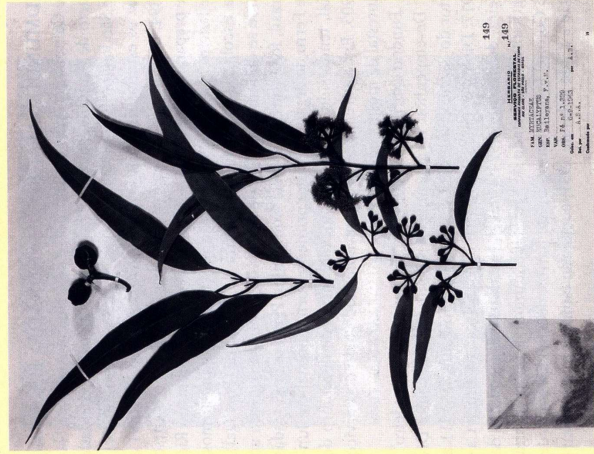
A falta de conhecimento de procedimentos arquivísticos fez com que o herbário fosse subutilizado até agora. A necessidade de identificação do acervo como um fundo documental, por parte dos responsáveis pela guarda e conservação do herbário, passou despercebida até o momento, devido à sua falta de treinamento ou especialização técnica na área de arquivo. Os anos de descaso e abandono, nesse aspecto, podem ser considerados como favoráveis no que diz respeito à integridade e à unicidade do acervo, pois ele não perdeu a sua organização original. Assim, o profissional que for organizar tal acervo deve ter o cuidado de garantir a manutenção da classificação original dada por Edmundo Navarro de Andrade, no momento de sua produção, isto é, garantir que não vai haver mistura com outros fundos. Não cabe ao profissional de arquivo dizer que a classificação está completamente errada e usar outros métodos que não vão demonstrar as características originais do fundo. É necessário haver uma padronização nos procedimentos de ajuste à classificação, de forma a garantir que a ordenação original seja mantida. Sugerimos que a hierarquização do acervo seja feita levando em consideração a visão maximalista, primando pela indivisibilidade do fundo. O profissional responsável pela organização deverá ter em mente que não se pode usar um modelo preestabelecido de classificação, pois cada fundo tem suas particularidades, sendo necessário aplicar as técnicas e metodologias de classificação de forma uniformizada.

Poderá ser criado um quadro de arranjo, onde o arquivista vai demonstrar a classificação externa, isto é, a diferenciação e hierarquização dos fundos entre si. Feito isso, o fundo poderá ser classificado internamente, procurando-se representar as estruturas, funções, atribuições e atividades existentes, usando os conceitos de grupo, subgrupo, série, sub-série etc.

Seria importante a criação de instrumentos de classificação (fichas de classificação, notação etc.), garantindo assim a uniformidade e o total controle da metodologia adotada para o trabalho de classificação. Isso é importante, pois permite reavaliar a metodologia adotada, visando o aprimoramento da técnica aplicada na organização do fundo e dando ao pesquisador garantia do acesso à informação, sem perder as características originais do acervo.

Aliado a isso, se a informatização das coleções for concretizada, reduzirá a frequência com que o material tem que ser manuseado. A localização eletrônica será incomparavelmente mais rápida. Os dados poderão ser levantados diretamente a partir das excisatas, o que permitirá a avaliação do estado de conservação do material.

Imagens digitais de excisatas poderão ser conseguidas, capacitando o herbário a registrar, armazenar e transmitir imagens das excisatas para outras instituições de pesquisa.



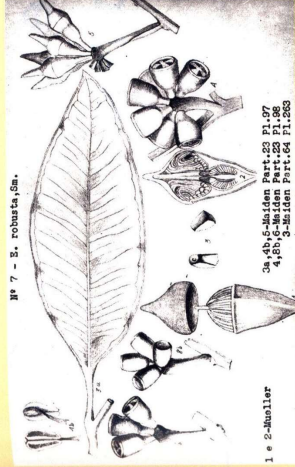
Excisata do Herbário da FEENA

A transmissão de imagens digitais agilizará os processos de intercâmbio de informações científicas. Tanto o museu como o herbário poderiam passar por um processo de informatização do acervo, com a instalação de terminais para consulta por usuários, visitantes e alunos.

A visitação da página poderá trazer os recursos necessários para a manutenção do sistema do herbário e da divulgação do museu, por meio do estabelecimento de parcerias e de patrocínios.

O grau de desenvolvimento da ciência hoje não admite que um herbário com tal importância e de tão valioso acervo permanença de fora dos modernos procedimentos da informática.

Além disso, a recuperação dos documentos que estão em mãos de particulares e de outras instituições é de fundamental importância para a perpetuação da história tanto do Herbario Florestal Edmundo Navarro de Andrade como do próprio cientista. A administração da FEENA, juntamente com a Associação de Amigos do Horto, poderia encetar campanhas pedindo o apoio da comunidade rio-clarense para efetivar a recuperação de documentos e peças desaparecidas do Museu do Eucalypto.



Ficha catalográfica do Eucalypto

Edmundo Navarro de Andrade foi um pioneiro em sua época. Como ele mesmo dizia, não estava preocupado com o reflorestamento do Estado de São Paulo. Esta função deveria ser executada pelos dirigentes e burocratas. Sua principal tarefa era a de fornecer matéria-prima para uma firma particular, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Mas suas experiências fizeram com que visse à toa a preocupação com a preservação ambiental no país. Outras empresas ferroviárias seguiram o mesmo caminho. Seu trabalho foi cuidadosamente implementado, comparando o crescimento de árvores nativas e de espécies exóticas. Estudou as pragas que atacavam as florestas, contribuiu para a debelação da broca do café, cultivou e estudou plantas cítricas, principalmente a laranja. Provou que a madeira do eucalypto, além de servir para os fins desejados pela *Pauлиста*, poderia ser bem empregada nas empresas de construção e de mobiliário, além da produção de celulose.

Foi atacado por seus pares, pois tudo que é novo provoca discussões e apreensão. A todos enfrentou com dignidade, às vezes deixando de lado as regras da educação para confrontar os mais afoitos. Apesar de tudo, seu trabalho foi reconhecido no país e no exterior. Isso pode ser comprovado pelo número de visitantes ao Horto e ao Museu do Eucalypto, onde está registrado, além dos populares, um grande número de visitantes ilustres.

Muito mais que um importante ponto turístico de Rio Claro, a FEENA poderia ser vista como um importante polo científico e cultural.

Por tudo isso, a restauração e maior prestígio do Museu do Eucalypto e do Horto, hoje Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, são inadiáveis, bem como o reconhecimento pela sociedade do gigantesco esforço de que este cientista foi capaz. ♦

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, Fernando A. Pires. A pessoalização de conjuntos documentais no âmbito dos arquivos institucionais. Rio de Janeiro: s.d., Casa de Oswaldo Cruz.

ANDRADE, Edmundo Navarro de. A cultura do *Eucalyptus*. São Paulo: Typographia Brazil, 1909.

—. A cultura do *Eucalyptus* nos Estados Unidos. São Paulo: Typographia Brazil, 1910.

—. Manual do plantador de eucalyptos. São Paulo: Rothschild, 1911.

—. Os *Eucalyptus*; sua cultura e exploração. São Paulo: Rothschild, 1918.

—. A Volta do Mundo: impressões de viagem. São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild, 1920.

—. O problema florestal no Brasil. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 15 jun. 1923.

BELLOTTO, Heloisa Liberali. Arquivos privados: conceituação e caracterização. In: Arquivos permanentes: tratamento documental. São Paulo: I.A. Queiroz, 1991.

—. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.201-207, 1998.

CAMARGO, A. M. de Almeida; BELLOTTO, Heloisa (coord.). Dicionário de Terminologia Arquivística. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

—. Arquivos pessoais: questões para um debate. São Paulo, 1998.

PEIXOTO, Ariane Luna; BARBOSA, Maria Regina de V. Os Herários Brasileiros e a Flora Nacional: desafios para o Século 21. Disponível em: <<http://www.bdt.fiat.org.br/oea/sib/ariane/>>. Acesso em 28 jan. 2004.